

Previsão: vamos pagar menos juros nos próximos meses.

Se depender das previsões dos banqueiros norte-americanos, serão muito melhores daqui para a frente as condições para o Brasil renegociar sua dívida externa. Ontem, enquanto o vice-presidente do Citibank, William Rhodes, dizia em Nova York que as taxas de juros tendem a baixar nos próximos meses, o vice do First National Bank of Chicago, Philip Parkinson, em visita a Porto Alegre, garantia que o Brasil terá "tratamento especial" nas futuras negociações.

Para William Rhodes, que também é presidente da comissão de bancos que assessoram a renegociação das dívidas do Brasil e do México, a velocidade de crescimento das taxas de juros internacionais já vem diminuindo e sua queda é "uma tendência que seguramente se generalizará no futuro próximo".

Já o executivo do banco de Chicago, atualmente a oitava instituição financeira

dos EUA, criticou em Porto Alegre a política do FMI de aplicar as mesmas receitas recessivas para países em situações econômicas diferentes. Essa política, segundo ele, "está ultrapassada". Mas ele também não aceita que os países devedores formem blocos para pressionar seus credores, como parecem estar planejando os governos latino-americanos. Sua opinião é a de que cada país deve negociar sua política própria de ajustamento, como Argentina e o México.

Quanto ao Brasil, Philip Parkinson prevê que, a exemplo do México, as condições de renegociação da dívida brasileira serão melhoradas a partir de agora, já que o País vem conseguindo administrar "satisfatoriamente" sua dívida. Por isso, ele acredita que os credores do Brasil concederão prazos maiores e spreads menores, além de provavelmente eliminarem a prime rate como base do serviço da dívida, adotando a Libor em seu lugar (a prime, taxa de juros norte-

americana, é atualmente a mais alta do mundo).

Mas Parkinson acha que as negociações não se concluirão no governo Figueiredo já que as propostas brasileiras terão de ser analisadas por todos os 500 bancos credores. Além disso, segundo ele, alguns bancos norte-americanos preferem esperar o desfecho da sucessão presidencial brasileira para se definirem.

O vice-presidente do First National de Chicago veio ao Brasil para anunciar a associação dessa instituição com o Banco Denasa de Investimento, de São Paulo. O banco norte-americano decidiu transformar em capital seu crédito com o Denasa, no valor de Cr\$ 23 bilhões (a preços de julho último). Com isso, assume o controle de 46% das ações do Denasa. O banco de Chicago é ainda um dos credores da dívida externa brasileira, com um crédito de US\$ 450 milhões (um terço do seu patrimônio).